

ELEITOS POR DEUS: O DESTINO MANIFESTO E O IMAGINÁRIO POPULAR ESTADUNIDENSE DO SÉCULO XIX

Emerson Benedito Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo faz uma breve análise do progresso Americano do século XIX, aquilo que seria denominado pelos próprios desbravadores de Destino Manifesto². Próprio daquele país, o termo era eivado de crenças nacionalistas e expansionistas, que ungidas pela religião, passaram a fazer parte do imaginário popular americano dos novecentos, proclamando, dentre outras coisas, que o povo americano era a nação eleita por Deus para colonizar territórios bárbaros e administrar governos sem expressão. Nota-se desta premissa centenária que tais teoremas prosperaram, e que os Estados Unidos continuam, mesmo nos dias atuais, distribuindo desmandos e compartilhando excessos em nome de serem os escolhidos pela providência divina

Palavras-chave: Progresso Americano, Expansionismo, Destino Manifesto

ABSTRACT: This paper briefly reviews the progress of the American nineteenth century, what would be called by the pioneers of Manifest Destiny. Belonging to that country, the term was riddled with nationalist and expansionist beliefs, which anointed by religion, became part of the American popular imagination of nine, claiming, among other things, that the American people was a nation chosen by God to colonize barbarians territories governments administer and expressionless. We note this centenary premise that such theorems have prospered, and that the United States remains, even today, distributing and sharing excesses excesses in the name of being chosen by divine providence

Keywords: American Progress, Expansionism, Manifest Destiny

*"A expansão dos Estados Unidos sobre o continente americano, desde o Ártico até a América do Sul, é o destino de nossa raça (...) e nada pode detê-la"*³.

*"Nosso destino manifesto atribuído pela Providência Divina para cobrir o continente para o livre desenvolvimento de nossa raça que se multiplica aos milhões anualmente."*⁴

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Desenvolve investigações vinculadas à linha de pesquisa "Diferenças: relações étnico-raciais, de gênero e etária" e participa do grupo de estudos sobre a criança, a infância e a educação infantil: políticas e práticas da diferença vinculado à UFSCar. É também Advogado.

² "A doutrina do '**Destino Manifesto**' é uma filosofia que expressa a crença de que o povo dos Estados Unidos foi eleito por Deus para comandar o mundo, sendo o expansionismo geopolítico norte-americano apenas uma expressão desta vontade divina. (...) A frase é creditada ao jornalista Nova Iorque John L. O'Sullivan na sua publicação de julho/agosto de 1845, United States Magazine and Democratic Review" (SILVA, 2012, p.1; SANTIAGO, 2014).

³ Discurso do presidente James Buchanan em sua posse em 1857 (JORNAL O REBATE; 2014, SANTIAGO, 2014).

⁴ Frase de John L. O'Sullivan que deu origem a expressão Destino Manifesto (JORNAL O REBATE, 2014).

1 Breve Introdução

Quando John L. O'Sullivan publica a sua famosa frase, ele não a faz por arrogância ou desconhecimento. Ele a entoa por acreditar cegamente que seu povo teria legitimamente sido escolhido pela divindade para desbravar, colonizar, educar, exterminar e governar um país ainda em processo inicial de conquista territorial. E nestes infindáveis desbravamentos, nesta busca desenfreada por novos territórios, neste frenético rufar de tambores e tiros de baionetas (sempre em nome de um progresso civilizatório a todo custo), os americanos acabaram, naquele início de colonização, por aniquilar e exterminar uma incomensurável quantidade de nativos que ocupavam aquelas terras, deixando para trás um rastro de sangue e impunidade.

Existia, porém, um contracenso entre a frase de O'Sullivan e as atitudes daquele povo afinal, uma nação escolhida por Deus não poderia trazer defendas a povos “*inferiores*” a toque de sangue e chumbo. Mas, naquela visão míope, os eleitos deveriam agir e empregar força total para mudar mentalidades e impregnar culturas “*bárbaras*” de luz e conhecimento, mesmo a contragosto.

E assim foram fazendo. Dizimaram indígenas e empurraram goela abaixo dos sobreviventes o seu modo de viver e de pensar. O resultado é que os nativos quase não deixaram descendentes. Suas armas, pestes e culturas acabaram por extinguir toda uma raça, e ao bem da verdade, esta sim foi uma “*civilização que o vento levou*”.

2



Imagem 1⁵

⁵ Pintura de 1872 de John Cash denominada ‘*Progresso Americano*’. Trata-se de uma representação onde se visualiza uma mulher angelical, que comumente era identificada como Colúmbia (a própria personificação dos EUA no século XIX) carregando a luz da civilização. Ela progride juntamente com colonizadores e pioneiros estadunidenses, e em seu caminho, vai prendendo cabos de telégrafo. Carrega um livro em suas mãos, demonstração do monopólio educacional americano. Quando caminham, expulsam nativos e animais. (JORNAL O REBATE, 2014).

2 Consequência do *Manifest Destiny* e o imaginário Puritano

De todos os colonos que chegaram aos Estados Unidos, Leandro Karnal (1992) leciona que existia um grupo denominado ‘*pais peregrinos*’, que, fugindo de perseguições religiosas inglesas do século XVI, se estabeleceram na América, e se firmaram como um dos principais grupos de colonizadores:

Estes “pais peregrinos” (pilgrim fathers) são de certa forma, os fundadores do que, mais tarde, seriam os EUA. Não são os pais de toda a nação, são os pais da parte “WASP” (white anglo-saxon, protestant, ou seja, branco, anglo-saxão, protestante) dos EUA. A historiografia, de todas as formas, costuma consagrá-los como os modelos de colonos (KARNAL apud SILVA, 2012, p.7).

Este segmento destacava-se dos demais pela rigidez de seus costumes, em especial, nos aspectos ligados a sexualidade, onde eram regidos por códigos extremamente morais e uma vigilância estreita de suas condutas por seus próprios pares⁶. Já quando se dirigiam ao ‘novo mundo’, traziam em sua bagagem, influenciados pela Doutrina Calvinista⁷, a ‘teoria da predestinação’⁸.

Então esta facção de colonos que, dentre outros, deram início a Colonização dos Estados Unidos da América eram *Calvinistas/Puritanos* e seguiam também uma concepção denominada “maniqueísmo”⁹, onde naquele imaginário, o mundo seria dividido entre o bem e o mal, entre escolhidos e desprezados, segundo uma meritocracia divina que dependeria dos caminhos trilhados na terra¹⁰.

Assim, os teoremas e prerrogativas deste grupo de colonos seria fonte decisiva para a formação da identidade dos atores sociais daquele novo mundo. Esta nova forma de se viver, com forte influência calvinista e que receberia a eiva de ‘*puritanismo*’¹¹, com impregnação de ideias maniqueístas, seria o alicerce desta nova nação, que fincaria na mentalidade de seus cidadãos um moralismo exarcebado com forte regramento para o labor, mas também, um

⁶ “(...) a doutrina sobre a predestinação deu ao calvinismo um aspecto de rigorismo moral, que lhe valeu na Inglaterra a qualificação de ‘puritanismo’” (HORTAL, 1996, p.55).

⁷ Segundo Jesus Hortal (1996), “três passos caracterizam o calvinismo inicial: 1º) a estreita ligação entre ordem eclesiástica e ordem política (...); 2º) a acentuação da glória de Deus, como ponto central de toda a História. Por isso, a resposta do homem à ação de Deus é, em primeiro lugar, temor e somente depois amor filial; 3º) daí deriva também a doutrina sobre a dupla predestinação (para a salvação ou para a condenação), que manifesta tanto a justiça divina quanto a misericórdia, para a glória de Deus” (p.55).

⁸ Teoria que apregoa que todos os eventos que ocorrem no mundo são desejados por Deus e que, neste sentido, alguns são predestinados a serem salvos, e outros, a uma espécie de condenação eterna.

⁹ Caldas Aulete ensina que o maniqueísmo é uma doutrina, segundo a qual “o mundo foi criado por dois princípios opostos, o bem e o mal, e é regido por eles”. (2004, p.514).

¹⁰ Segundo magistério de Hortal, e com base no calvinismo, “o homem não pode ter certeza direta de sua salvação. Contudo, por meio do sucesso na vida e nos negócios, pode perceber alguns indícios de que Deus lhe dispensou a sua bênção” (1996, p.55).

¹¹ Aulete entoa que puritano é “que ou quem é muito rígido na obediência de princípios morais, especialmente os relacionados ao comportamento sexual” (2004, p. 658).

desejo de nação superior, pois naquele contexto, Deus estaria com eles, os teria escolhido dentre tantas nações para representá-lo, e, *grosso modo*, eram eles, de agora em diante, os responsáveis pelos bons comportamentos dos povos, pela civilidade das raças, pela boa religião nas cidades, e, como juízes do mundo, pelo julgamento do que era bom e do que seria o mal.

Silva (2009), citando Karnal, entoa que tais puritanos “tinham a ideia de que constituíam uma ‘nova Israel’, escolhidos por Deus para criar uma sociedade de eleitos” (p.3). Neste conceito, eles se comparavam aos hebreus, que na fuga do Egito, foram perseguidos e buscaram uma nova terra¹² (complementa Karnal). E como eleitos, esta nova sociedade se fechou em suas próprias normas e seus próprios costumes. Assim, todos aqueles que subvertessem esta nova ordem seriam considerados impuros, e como tais, deveriam ser afastados daquela sociedade puritana, sob pena de contaminação de suas regras e valores. Em outras palavras, passaram a determinar o bom e o ruim, o bem e o mal dentro de sua própria territorialidade.

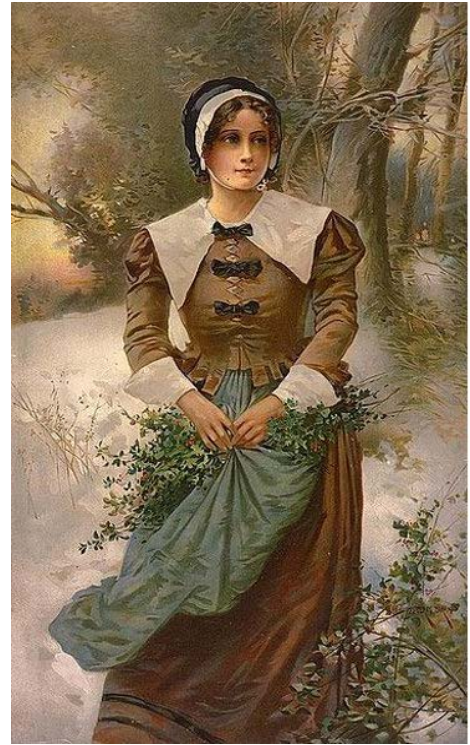


Imagem 2¹³

Neste sentido, Edward W. Said, em sua obra “Cultura e Imperialismo” contribui com o debate salientando que o Povo Estadunidense cultivava para si uma imagem caracterizada por “uma espécie de superego puritano cuja perambulação pelos vastos ermos não conhece muita fronteira (...) que o país era ‘a Israel americana de Deus’, cuja missão consistia em ser o curador de Deus da civilização do mundo” (1995, p.364). Em sentido parecido:

Deus escolheu a América para que aqui se construísse a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal jamais lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois prestavam a Santa Fé. Nossa missão é liderar os exércitos de luz em direção aos futuros milênios.” (Pregações Puritanas, 1660 apud OLÍMPIO; MAIA, 2006, p. 6)

Com o passar dos anos, os Norte Americanos acabaram por promover sua própria Revolução, vociferando por sua independência da Corte Inglesa. Ideais iluministas juntaram

¹² Maurineide Alves da Silva contempla que era tão forte essa crença que “diante da seca de 1662 na Nova Inglaterra, os puritanos encontraram novos paralelos com a Bíblia: afinal Deus também castigou os judeus quando eles foram infiéis ao pacto” (2012, p.8).

¹³ “A Puritana perfeita”. Quadro de Edward Percy Moran (1862-1935) - American Gallery (2013).

-se ao estilo de vida e racionalidade daquela sociedade, auxiliando-os em tal pleito. De agora em diante, não bastava mais o trabalho e a moradia, o homem teria que ser liberto de todas as amarras que o detinha. Assim, com o rompimento definitivo das amarras inglesas, surgiria para os americanos (e para o mundo) algo impensável e impraticável até aquele momento: ‘a democracia’. Mas, este regime embrionário era muito altivo para permanecer em um único território. Naquele imaginário, ele teria sido manufaturado pelos eleitos, e, portanto, deveria espalhar-se por outras regiões e territórios. O mundo teria que ser mais justo e consertado. Enfim, o bem (democracia) deveria prevalecer contra todos os outros regimes que significavam o mal.

Com esta mentalidade, os Estados Unidos passam doravante a constituir novas conquistas e a conquistar novas fronteiras:

A linha de fronteira segue um avanço linear por todo o território. Começa na Costa Leste, com a chegada dos primeiros ingleses às praias da Virgínia, no século XVI, estende-se aos Montes Apalaches, nos séculos XVII e XVIII, avança em direção ao Vale do Mississipi em fins do século XVIII e início do XIX, chega às Grandes Planícies em meados do século XIX e, no final do mesmo século, conquista as Montanhas Rochosas. A experiência de cada uma destas sucessivas fronteiras serviu para moldar o avanço em direção à próxima. Quanto mais a nação avança em direção ao Pacífico, mais suas instituições e costumes se adaptam as necessidades do processo expansionista. Assim como ocorre com os colonos, as instituições americanizam-se na fronteira. (TURNER, apud ÁVILA, 2006, p.70).

5

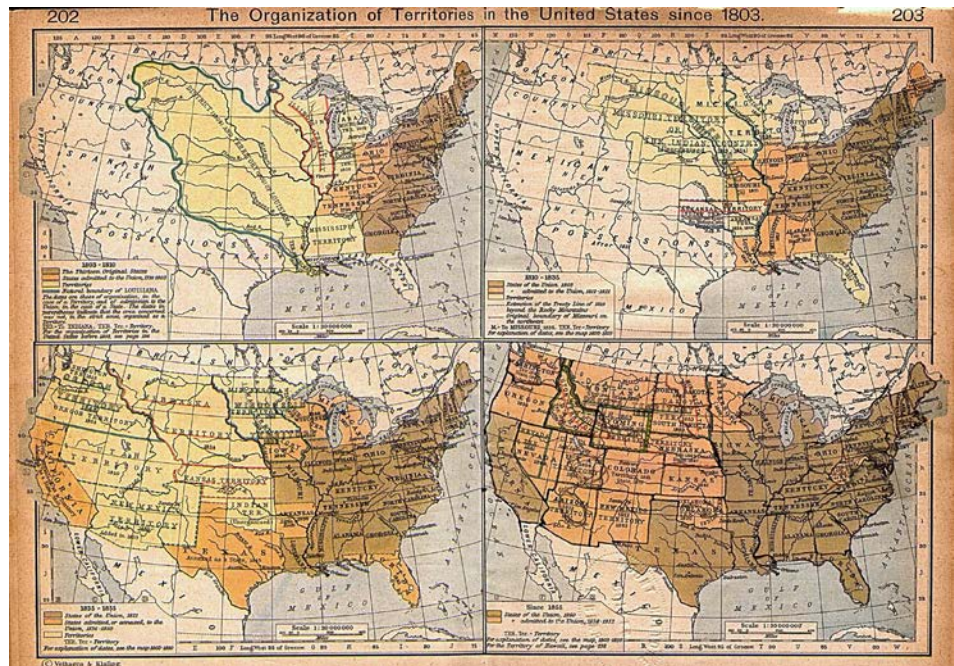


Imagem 3¹⁴

¹⁴ Mapa Histórico da expansão territorial dos Estados Unidos da América datado de 1803. Fonte: <http://www.mappery.com/map-of/Expansion-of-United-States-Territory-From-1803-Historical-Map>

O que ditava as regras por uma necessidade rápida de expansão para o Sul e Oeste do país (em um primeiro momento) seria o fato do grande crescimento do comércio e da indústria americana. Quando da necessidade de expansão deste comércio e indústria para além do território recém-liberto da coroa britânica, o que se via ao longo do sinuoso caminho dos conquistadores era um rastro de corpos e sangue. Ao comando da divindade e ao som de hinos patriotas, os conquistadores desbravavam mais que terras. Desbravavam almas. Sedentos por colonizar e catequizar, os colonos, a cada nova vitória, firmavam sobre eles mesmos um sentimento arrogante de superioridade contra os derrotados. Afinal, sob a batuta de Sir. Benjamin Franklin, a chacina se fazia necessária:

Se faz parte dos desígnios da Providência extirpar esses selvagens para abrir espaço aos cultivadores da terra, parece-me oportuno que o rumo seja o instrumento apropriado. Ele já aniquilou todas as tribos que antes habitavam a costa (JORNAL O REBATE, 2014)¹⁵.



Imagem 4¹⁶

O início do século XIX apresenta uma população americana ainda mais ávida por conquistas territoriais. Após o desbravamento dos Montes Apalaches e Vale do Mississipi, os conquistadores partem para as grandes planícies e para territórios fronteiriços com a República do México (ÁVILA, 2006). Na segunda década deste mesmo século, o Texas é invadido silenciosamente. Os colonos, e em especial, latifundiários de atinente expressão,

¹⁵ Neste mesmo sentido foi o pronunciamento de Benjamin Franklin em 28 de junho de 1787 na Convenção Constitucional: “No início do concurso com a Grã-Bretanha, quando estávamos sensatos de perigos, tivemos oração diária nesta sala para a proteção divina. Nossas orações senhores foram ouvidas, e elas foram graciosamente respondidas. Todos nós, que estávamos engajados na luta, devemos ter observado casos frequentes de uma superintendência providencial em nosso favor. (...) Eu vivi, senhores já muito tempo, e, quanto mais tempo eu vivo, as provas mais convincentes que vejo dessa verdade: Que Deus governa nos assuntos dos homens e se um pardal não pode cair no chão sem o seu conhecimento, é provável que um império possa subir sem a sua ajuda?” (HOME OF HEROES, 2014).

¹⁶ Benjamin Franklin (1706-1790) (POPOVA, 2015).

aproveitando-se dos valores irrisórios das terras mexicanas, vão, sorrateiramente apropriando-se do país vizinho. Com os novos inquilinos, adentra no país vizinho uma quantidade relativa de mão de obra escrava, inexistente até então naquela república por força de lei local. Pressionados pela Constituição daquele país e desejosos em manterem o trabalho escravo, os latifundiários americanos se rebelaram contra a República Mexicana exigindo a independência do Texas no ano de 1836. Desta revolta originou-se um território que passou a ser chamado de *República da Estrela Solitária* que em sequência, novamente por pressão oligárquica, em 1845, seria anexado ao território estadunidense como Texas (AMERICAN TREASURES OF THE LIBRARY OF CONGRESS, 2014). E foi exatamente desta anexação do Texas é que se colheu a famosa frase de *O'Sullivan*:

Nosso destino manifesto atribuído pela Providência Divina para cobrir o continente para o livre desenvolvimento de nossa raça que se multiplica aos milhões anualmente (JORNAL O REBATE, 2014).

Após a conquista e anexação do Texas como território próprio, os Estados Unidos, alegando que os mexicanos fronteiriços eram violentos, apresentou uma bateria de medidas impopulares contra todos aqueles considerados 'criminosos, bandidos e arruaceiros'. Tais medidas desagradaram o México, causando em 1846, um grave conflito de fronteira que culminaria na declaração de guerra entre os dois países. Deste confronto, os Estados Unidos anexaram a Califórnia, o Novo México, Nevada, o Arizona e Utah a seu território e o México, além de perder metade de seu território, contabilizou milhares de mortos (JORNAL O REBATE, 2014).



Imagem 5¹⁷

¹⁷ Quadro retratando a Batalha de Buena Vista vencida pelos Estados Unidos em 23 de fevereiro de 1847. (THE LIBRARY OF CONGRESS, 2015).

Assim, o insaciável desejo de tomar novos territórios somados com um colossal avanço agrícola e industrial estadunidense, ia gradativamente acabando com a anterior premissa de um *'paraíso terrestre'* americano a tal ponto que, muitos conservadores já bradavam pela manutenção das terras selvagens no país. A solução encontrada foi continuar com o desbravamento/desmatamento e conservar ilhas selvagens em formato de parques nacionais que deveriam se espalhar pelo país¹⁸ (JUNQUEIRA, 2001). Com este ajuste, a matança de animais selvagens e índios e a troca do mundo selvagem pela agricultura, pecuária e indústria crescia de *'vento em popa'*. A Revolução Industrial se avolumava e os vapores cruzavam os espaços. Os trens de ferro e as embarcações náuticas seguiam as trilhas dos colonizadores e a pseudo/evolução estendia-se do norte ao sul do país aniquilando de vez a barbárie nativa e trazendo a educação, a cultura e a civilização tida como corretas.



Imagem e¹⁹

Assim, os eleitos por Deus, continuavam desbravando. Dos desbravamentos, surgiam povos e populações que paulatinamente, iam, de forma forçada e arbitrária, tendo que se adequar a cultura dos colonizadores. Porém, é de bom tom deixar claro que para os desbravadores/conquistadores, vigiar, punir, adestrar e extinguir povos e culturas fazia parte de um plano maior. Afinal, era a própria divindade que desejava e providenciava estas condutas. Eles eram apenas instrumentos. Então, o desejo de uma nação se fazia ação com o selo da própria providência divina.

¹⁸ O primeiro a ser criado foi o parque nacional de Yellowstone em 1872 (JUNQUEIRA, 2001).

¹⁹ Litografia colorida de Frances F. Palmer confeccionada à mão em 1869 denominada: *'Across the Continent'* (algo como *'Do Outro Lado do Continente'*) retratando a primeira ferrovia transcontinental dos Estados Unidos. Fonte: <http://dcc.newberry.org/items/across-the-continent-westward-the-course-of-empire-takes-its-way>.

Não obstante, as consequências destes atos foram devastadoras. Calcula-se que os indígenas ocupantes dos territórios americanos em meados do século XIX eram de um montante maior que 12 milhões. Desta somatória de almas, restaram apenas 03 milhões, divididas em 40 povos (PERES, 2011), ou seja, uma fatia menor do que 1% da população americana.

A matança dos índios já se fazia desde os primórdios da colonização, porém, sofreu intensificação a partir da posse do presidente Andrew Jackson que determinou ao congresso o afastamento de todos os índios para o oeste do país ‘para além do Mississipi’. Em troca, os índios poderiam, nos locais afastados, darem sequências às suas existências, sem a intervenção do homem branco (ZACARIAS, 2012). Porém, as promessas foram vencidas pela ganância, e, com o noticiar de ouro em terras indígenas, o domínio seria retomado, fato este que levou o chefe sioux Nuvem Vermelha²⁰ a vociferar a famosa frase: “Fizeram-nos muitas promessas, mais do que posso me lembrar, mas eles nunca as cumpriram, menos uma: prometeram tomar a nossa terra e a tomaram” (apud PERES, 2011).

Neste desenho, a reputação do homem branco, com o tempo, se degradava cada vez mais, pois como bem sintetizou Henri Michaux “o homem branco possui uma qualidade que lhe fez abrir caminho: o irrespeito” (apud ZACARIAS, 2012). Ocorre que, o destino dos Estados Unidos, como já muito debatido em linhas anteriores, era o de colonizar povos com a chancela divina. Povos bárbaros deveriam ser batizados com uma pitada de civilidade, e no caldeirão de acontecimentos daquele momento, somente os colonizadores brancos seriam capazes de fazê-lo. Assim, índios e negros passaram a constituírem-se como espécies de sub-raças, meros fardos, almas que deveriam a partir daquele marco histórico, serem carregados aos ombros pelos colonizadores, educados, treinados e evangelizados.



Imagem 7²¹

²⁰ Também chamado de Red Cloud (do dialeto Lakota: Makhpiya Luta) - 1822 a 1909 - Foi um líder indígena da tribo Oglala Lakota (Sioux) (WIKIPEDIA, 2015b).

²¹ Charge publicada no Detroit Journal em 1899 intitulada ‘O Fardo do homem Branco’.

Feres Júnior aborda a questão racial através do pensamento de Ralph Waldo: o “sentimento de superioridade racial americana está amparada por um poder ainda mais alto: a vontade de Deus, a Divina providência - frente a qual as ‘questões seculares’ perdem importância” (2004, p. 83). Vê-se claramente pela ótica deste importante pensador que, para os estadunidenses, a questão da superioridade racial era cancelada por ninguém menos que Deus. Assim, com Deus a tiracolo, qualquer atitude, qualquer desabono a qualquer nação e a qualquer população, seria considerado de terceira categoria, sem importância.



Imagem 8²²

Após a conquista do oeste, a conquista do Texas, Arizona, Novo México e Utah, e após a terrível guerra civil que varreu o país, os norte-americanos partiram em busca de novas terras. Compraram o Alasca dos russos em 1867, instituíram a República no Havaí em 1893 anexando a ilha ao Estados Unidos e intervieram na briga entre Espanha e as colônias de Cuba e Filipinas, ajudando estas últimas em seu processo de independência da primeira (WIKIPÉDIA, 2015a). Deste conflito, os Estados Unidos saem vitoriosos e passam a anexar em seu território as colônias de Cuba, Porto Rico, Filipinas e a ilha de Guam, sem antes perguntarem-se o que deveriam doravante fazer com tais colônias, pois consideravam sua população como raças atrasadas e indesejáveis²³ (COSTA, 2012).

²² Obra intitulada *'Westward the Course of Empire Takes Its Way'* de Emanuel Leutze de 1861 demonstrando a expansão para o oeste Americano. Fonte: http://www.weareca.org/index.php/en/era/1820s-1850s/overview_3.html

²³ Neste sentido, explicita o Jornal O Combate (2014): “Em 1901 Theodore Roosevelt assumiu a presidência dos Estados Unidos, sua máxima era (*sic*)...*Fale suave, mas tenha nas mãos um grande porrete que será bastante útil...*, esta foi chamada da política do Big Stick. Seguindo esta orientação, sob os mais diversos pretextos os Estados Unidos ocuparam em nome da *democracia* Cuba entre 1906 a 1909, em 1912 e 1917 a 1922, o Haiti entre 1915 a 1934, a República Dominicana entre 1916 e 1924 e a Nicarágua entre 1909 a 1910 e 1912 a 1933”.

Sobre as conquistas narradas e sobre o imaginário estadunidense daquele final de século XIX, ouçamos o historiador e senador Albert Beveridge²⁴:

Ele [Deus] nos fez os mestres organizadores do mundo para estabelecer um sistema onde reina o caos. (...) Ele nos fez adeptos do bom governo para que possamos administrá-los aos povos selvagens e senis (...) ele marcou o povo americano como Sua nação escolhida para finalmente liderar no trabalho de regeneração do mundo. Essa é a missão divina da América (...) Nós somos os depositários do progresso mundial, os guardiões da paz virtuosa. (apud FERES JUNIOR, 2004, p.84).

A esta altura, os estadunidenses acreditavam piamente que eram os únicos que poderiam, com louvor, serem aclamados e chamados de ‘Americanos’. A arrogância vinha de longa data. Foi exatamente no ano de 1823 que o então presidente James Monroe²⁵ proferiu a famosa frase: “A América para os americanos” (JORNAL O REBATE, 2014). Tal frase ficou conhecida como *Doutrina Monroe* e é seguida até a atualidade com bastante afinco.

3 De eleitos por Deus à donos do mundo – uma singela conclusão

Quando uma determinada potência me governa, o que ela quer? Ela quer produzir o mundo conforme ela é. Isso que a potência quer (ULPIANO, 1989).

Com tamanha facilidade em conquistar territórios e orquestrar povos e nações, os “*americanos*” passaram, em sua mais concreta convicção, de filhos do dono “*a donos do mundo*”, afinal, Deus já os teria legitimado como seu representante na terra há séculos.

Na verdade, tanto a Doutrina Monroe como a Doutrina do Destino Manifesto nunca abandonaram o imaginário daquele país. Ou seja, mesmo condenando outros povos como imbecis, atrasados e não civilizados, eles mesmos (estadunidenses) traziam em suas bagagens, uma teoria medievalista, repleta de significados religiosos e espírito ideológico advindos de longínquos e ultrapassados tempos de colônia. Talvez, até mesmo os mais radicais moralistas dos séculos XVIII e XIX não acreditassem que tais teorias ganhariam o futuro e ultrapassariam tantas gerações. Mas, observando as atividades norte-americanas contemporâneas, é improvável que não se espelhe as mesmas falácias de tempos atrás.

Neste raciocínio, basta-nos observar as palavras do Presidente Americano James Buchanan²⁶, em discurso proferido em 1857:

²⁴ (1862-1927)

²⁵ (1758-1831) Quinto Presidente dos Estados Unidos

²⁶ (1791-1868) Décimo quinto presidente dos Estados Unidos

A expansão dos Estados Unidos sobre o continente americano, desde o Ártico até a América do Sul, é o destino de nossa raça (...) e nada pode detê-la (apud SANTIAGO, 2014).

E compará-lo ao discurso do secretário de estado do governo George W. Bush²⁷ (Colin Powell) do ano de 2004, onde se observa:

O nosso objetivo com a Alca é garantir para as empresas norte-americanas o controle de um território que vai do Pólo Ártico até a Antártida (apud SANTIAGO, 2014).

A conquista de territórios extras, o fincar da bandeira estadunidense em terras cooptadas eram atividades consideradas necessárias e corriqueiras na mentalidade daquele povo, afinal, os donos do mundo deveriam cultivar culturas e distribuir sabedoria ao redor do globo terrestre. Neste raciocínio, ouçamos William Mckinley²⁸ no longínquo ano de 1900:

A bandeira americana não foi fincada em solo estrangeiro para adquirir mais território... mas sim para o bem da humanidade (apud MARLENS et al, 2011).

O bem da humanidade a que se refere Mckinley seria a domesticação dos povos conquistados por meio do sistema educacional. Quando da conquista do oeste, milhares de crianças nativas eram retiradas de suas famílias e enviadas a internatos pelo governo para, como dizia Michel Foucault (1987) “docilizarem seus corpos”. Na verdade, todas as colonizações passaram com o tempo a serem vistas pelos estudiosos como gigantescas instituições de sequestro (ZAFFARONI, 1998), pois aniquilavam as culturas existentes e empurravam *goela abaixo* um novo estilo de vida aos conquistados. Se não, o que dizer do discurso do General Richard Pratt, fundador da Escola indígena de Carlisle:

Para civilizar os índios, insira-os em nossa civilização e quando nós os tivermos nela, segure-os lá até que estejam completamente imersos (apud MARLENS et al, 2011).

E complementa Pratt em seu discurso de inauguração da referida instituição:

Deixe tudo que for indígena dentro de você morrer (apud MARLENS et al, 2011).

A obsessão por conquistar e pedagogizar está presente no quadro de John Cash de 1872 (imagem 1). Nele, vislumbramos Colúmbia (Estados Unidos) com a estrela imperial na testa, carregando um livro escolar (a luz da civilização).

²⁷ Quadragésimo terceiro Presidente dos Estados Unidos

²⁸ (1843-1901) Vigésimo quinto Presidente dos Estados Unidos.

É assustador o legado estadunidense de conquistas. Alberto da Silva Jones (2015) dá-nos a ideia de tal panorama:

- 1846 - 1848 - MÉXICO - Por causa da anexação, pelos EUA, da República do Texas
- 1890 - ARGENTINA - Tropas americanas desembarcam em Buenos Aires para defender interesses econômicos americanos.
- 1891 - CHILE - Fuzileiros Navais esmagam forças rebeldes nacionalistas.
- 1891 - HAITI - Tropas americanas debelam a revolta de operários negros na ilha de Navassa, reclamada pelos EUA.
- 1893 - HAWAI - Marinha enviada para suprimir o reinado independente anexar o Hawaí aos EUA.
- 1894 - NICARÁGUA - Tropas ocupam Bluefields, cidade do mar do Caribe, durante um mês.
- 1894 - 1895 - CHINA - Marinha, Exército e Fuzileiros desembarcam no país durante a guerra sino-japonesa.
- 1894 - 1896 - CORÉIA - Tropas permanecem em Seul durante a guerra.
- 1895 - PANAMÁ - Tropas desembarcam no porto de Corinto, província Colombiana.
- 1898 - 1900 - CHINA - Tropas dos Estados Unidos ocupam a China durante a Rebelião Boxer.
- 1898 - 1910 - FILIPINAS - As Filipinas lutam pela independência do país, dominado pelos EUA (Massacres realizados por tropas americanas em Balangica, Samar, Filipinas - 27/09/1901 e Bud Bagsak, Sulu, Filipinas 11/15/1913) - 600.000 filipinos mortos.
- 1898 - 1902 - CUBA - Tropas sitiaram Cuba durante a guerra hispano-americana.
- 1898 - Presente - PORTO RICO - Tropas sitiaram Porto Rico na guerra hispano-americana, hoje 'Estado Livre Associado' dos Estados Unidos.
- 1898 - ILHA DE GUAM - Marinha americana desembarca na ilha e a mantém como base naval até hoje.
- 1898 - ESPANHA - Guerra Hispano-Americana - Desencadeada pela misteriosa explosão do encouraçado Maine, em 15 de fevereiro, na Baía de Havana. Esta guerra marca o surgimento dos EUA como potência capitalista e militar mundial.
- 1898 - NICARÁGUA - Fuzileiros Navais invadem o porto de San Juan del Sur.
- 1899 - ILHA DE SAMOA - Tropas desembarcam e invadem a Ilha em conseqüência de conflito pela sucessão do trono de Samoa.
- 1899 - NICARÁGUA - Tropas desembarcam no porto de Bluefields e invadem a Nicarágua (2ª vez).
- 1901 - 1914 - PANAMÁ - Marinha apóia a revolução quando o Panamá reclamou independência da Colômbia; tropas americanas ocupam o canal em 1901, quando teve início sua construção.
- 1903 - HONDURAS - Fuzileiros Navais americanos desembarcam em Honduras e intervêm na revolução do povo hondurenho.
- 1903 - 1904 - REPÚBLICA DOMINICANA - Tropas norte americanas atacaram e invadiram o território dominicano para proteger interesses do capital americano durante a revolução.
- 1904 - 1905 - CORÉIA - Fuzileiros Navais dos Estados Unidos desembarcaram no território coreano durante a guerra russo-japonesa.
- 1906 - 1909 - CUBA - Tropas dos Estados Unidos invadem Cuba e lutam contra o povo cubano durante período de eleições.
- 1907 - NICARÁGUA - Tropas americanas invadem e impõem a criação de um protetorado, sobre o território livre da Nicarágua.
- 1907 - HONDURAS - Fuzileiros Navais americanos desembarcam e ocupam Honduras durante a guerra de Honduras com a Nicarágua.
- 1908 - PANAMÁ - Fuzileiros Navais dos Estados Unidos invadem o Panamá durante período de eleições.

1910 - NICARÁGUA - Fuzileiros navais norte americanos desembarcam e invadem pela 3ª vez Bluefields e Corinto, na Nicarágua.

1911 - HONDURAS - Tropas americanas enviadas para proteger interesses americanos durante a guerra civil, invadem Honduras.

1911 - 1941 - CHINA - Forças do exército e marinha dos Estados Unidos invadem mais uma vez a China durante período de lutas internas repetidas.

1912 - CUBA - Tropas americanas invadem Cuba com a desculpa de proteger interesses americanos em Havana.

1912 - PANAMÁ - Fuzileiros navais americanos invadem novamente o Panamá e ocupam o país durante eleições presidenciais.

1912 - HONDURAS - Tropas norte americanas mais uma vez invadem Honduras para proteger interesses do capital americano.

1912 - 1933 - NICARÁGUA - Tropas dos Estados Unidos com a desculpa de combaterem guerrilheiros invadem e ocupam o país durante 20 anos.

1913 - MÉXICO - Fuzileiros da Marinha americana invadem o México com a desculpa de evacuar cidadãos americanos durante a revolução.

1913 - MÉXICO - Durante a Revolução mexicana, os Estados Unidos bloqueiam as fronteiras mexicanas em apoio aos revolucionários.

1914 - 1918 - PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL - Os EUA entram no conflito em 6 de abril de 1917 declarando guerra à Alemanha. As perdas americanas chegaram a 114 mil homens.

1914 - REPÚBLICA DOMINICANA - Fuzileiros navais da Marinha dos Estados Unidos invadem o solo dominicano e interferem na revolução do povo dominicano em Santo Domingo.

1914 - 1918 - MÉXICO - Marinha e exército dos Estados Unidos invadem o território mexicano e interferem na luta contra nacionalistas.

1915 - 1934 - HAITI - Tropas americanas desembarcam no Haiti, em 28 de julho, e transformam o país numa colônia americana, permanecendo lá durante 19 anos.

1916 - 1924 - REPÚBLICA DOMINICANA - Os EUA invadem e estabelecem um governo militar na República Dominicana, em 29 de novembro, ocupando o país durante oito anos.

1917 - 1933 - CUBA - Tropas americanas desembarcam em Cuba, e transformam o país num protetorado econômico americano, permanecendo essa ocupação por 16 anos.

1918 - 1922 - RÚSSIA - Marinha e tropas americanas enviadas para combater a revolução Bolchevista. O Exército realizou cinco desembarques, sendo derrotado pelos russos em todos eles.

1919 - HONDURAS - Fuzileiros norte americanos desembarcam e invadem mais uma vez o país durante eleições, colocando no poder um governo a seu serviço.

1918 - IUGOSLÁVIA - Tropas dos Estados Unidos invadem a Iugoslávia e intervêm ao lado da Itália contra os sérvios na Dalmácia.

1920 - GUATEMALA - Tropas americanas invadem e ocupam o país durante greve operária do povo da Guatemala.

1922 - TURQUIA - Tropas norte americanas invadem e combatem nacionalistas turcos em Smirna.

1922 - 1927 - CHINA - Marinha e Exército americano mais uma vez invadem a China durante revolta nacionalista.

1924 - 1925 - HONDURAS - Tropas dos Estados Unidos desembarcam e invadem Honduras duas vezes durante eleição nacional.

1925 - PANAMÁ - Tropas americanas invadem o Panamá para debelar greve geral dos trabalhadores panamenhos.

1927 - 1934 - CHINA - Mil fuzileiros americanos desembarcam na China durante a guerra civil local e permanecem durante sete anos, ocupando o território chinês.

1932 - EL SALVADOR - Navios de Guerra dos Estados Unidos são deslocados durante a revolução das Forças do Movimento de Libertação Nacional - FMLN - comandadas por Marti.

1939 - 1945 - SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - Os EUA declaram guerra ao Japão em 8 de dezembro de 1941 e depois a Alemanha e Itália, invadindo o Norte da África, a Ásia e a Europa, culminando com o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades desmilitarizadas de Iroshima e Nagasaki.

1946 - IRÃ - Marinha americana ameaça usar artefatos nucleares contra tropas soviéticas caso as mesmas não abandonem a fronteira norte do Irã.

1946 - IUGOSLÁVIA - Presença da marinha americana ameaçando invadir a zona costeira da Iugoslávia em resposta a um avião espião dos Estados Unidos abatido pelos soviéticos.

1947 - 1949 - GRÉCIA - Operação de invasão de Comandos dos EUA garantem vitória da extrema direita nas "eleições" do povo grego.

1947 - VENEZUELA - Em um acordo feito com militares locais, os EUA invadem e derrubam o presidente eleito Rómulo Gallegos, como castigo por ter aumentado o preço do petróleo exportado, colocando um ditador no poder.

1948 - 1949 - CHINA - Fuzileiros americanos invadem pela última vez o território chinês para evacuar cidadãos americanos antes da vitória comunista.

1950 - PORTO RICO - Comandos militares dos Estados Unidos ajudam a esmagar a revolução pela independência de Porto Rico, em Ponce.

1951 - 1953 - CORÉIA - Início do conflito entre a República Democrática da Coreia (Norte) e República da Coreia (Sul), na qual cerca de 3 milhões de pessoas morreram. Os Estados Unidos são um dos principais

protagonistas da invasão usando como pano de fundo a recém criada Nações Unidas, ao lado dos sul-coreanos. A guerra termina em julho de 1953 sem vencedores e com dois estados polarizados: comunistas ao norte e um governo pró-americano no sul. Os EUA perderam 33 mil homens e mantém até hoje base militar e aero-naval na Coreia do Sul.

1954 - GUATEMALA - Comandos americanos, sob controle da CIA, derrubam o presidente Arbenz, democraticamente eleito, e impõem uma ditadura militar no país. Jacobo Arbenz havia nacionalizado a empresa United Fruit e impulsionado a Reforma Agrária.

1956 - EGITO - O presidente Nasser nacionaliza o canal de Suez. Tropas americanas se envolvem durante os combates no Canal de Suez sustentados pela Sexta Frota dos EUA. As forças egípcias obrigam a coalizão franco-israelense-britânica, a retirar-se do canal.

1958 - LÍBANO - Forças da Marinha americana invadem apoiando o exército de ocupação do Líbano durante sua guerra civil.

1958 - PANAMÁ - Tropas dos Estados Unidos invadem e combatem manifestantes nacionalistas panamenhos.

1961 - 1975 - VIETNÃ. Aliados ao sul-vietnamitas, o governo americano invade o Vietnã e tenta impedir, sem sucesso, a formação de um estado comunista, unindo o sul e o norte do país. Inicialmente a participação americana se restringe a ajuda econômica e militar (conselheiros e material bélico). Em agosto de 1964, o congresso americano autoriza o presidente a lançar os EUA em guerra. Os Estados Unidos deixam de ser simples consultores do exército do Vietnã do Sul e entram num conflito traumático,

que afetaria toda a política militar dali para frente. A morte de quase 60 mil jovens americanos e a humilhação imposta pela derrota do Sul em 1975, dois anos depois da retirada dos Estados Unidos, moldou a estratégia futura de evitar guerras que impusessem um custo muito alto de vidas americanas e nas quais houvesse inimigos difíceis de derrotar de forma convencional, como os vietcongues e suas táticas de guerrilhas.

1962 - LAOS - Militares americanos invadem e ocupam o Laos durante guerra civil contra guerrilhas do Pathet Lao.

1964 - PANAMÁ - Militares americanos invadiram mais uma vez o Panamá e mataram 20 estudantes, ao reprimir a manifestação em que os jovens queriam trocar, na zona do canal, a bandeira americana pela bandeira e seu país.

1965 - 1966 - REPÚBLICA DOMINICANA - Trinta mil fuzileiros e pára-quedistas norte americanos desembarcaram na capital do país São Domingo para impedir a nacionalistas panamenhos de chegarem ao poder. A CIA conduz Joaquín Balaguer à presidência, consumando um golpe de estado que depôs o presidente eleito Juan Bosch. O país já fora ocupado pelos americanos de 1916 a 1924.

1966 - 1967 - GUATEMALA - Boinas Verdes e marines americanos invadem o país para combater movimento revolucionário contrário aos interesses econômicos do capital americano.



Imagem 9²⁹

1969 - 1975 - CAMBOJA - Militares americanos enviados depois que a Guerra do Vietnã invadem e ocupam o Camboja.

1971 - 1975 - LAOS - EUA dirigem a invasão sul-vietnamita bombardeando o território do vizinho Laos, justificando que o país apoiava o povo vietnamita em sua luta contra a invasão americana.

1975 - CAMBOJA - 28 marines americanos são mortos na tentativa de resgatar a tripulação do petroleiro estadunidense Mayaquez.

1980 - IRÃ - Na inauguração do estado islâmico formado pelo Aiatolá Khomeini, estudantes que haviam participado da Revolução Islâmica do Irã ocuparam a embaixada americana em Teerã e fizeram 60 reféns. O governo americano preparou uma operação militar surpresa para executar o resgate, frustrada por tempestades de areia e falhas em equipamentos. Em meio à frustrada operação, oito militares americanos morreram no choque entre um helicóptero e um avião. Os reféns só seriam libertados um ano depois do seqüestro, o que enfraqueceu o então presidente Jimmy Carter e elegeu Ronald Reagan, que conseguiu aprovar o maior orçamento militar em época de paz até então.*

1982 - 1984 - LÍBANO - Os Estados Unidos invadiram o Líbano e se envolveram nos conflitos do Líbano logo após a invasão do país por Israel - e acabaram envolvidos na guerra civil que dividiu o país. Em 1980, os americanos supervisionaram a retirada da Organização pela Libertação da Palestina de Beirute. Na segunda intervenção, 1.800 soldados integraram uma força conjunta de vários países, que deveriam restaurar a ordem após o massacre de refugiados palestinos por libaneses aliados a Israel. O custo para os americanos foi a morte 241 fuzileiros navais, quando os libaneses explodiram um carro bomba perto de um quartel das forças americanas.

1983 - 1984 - ILHA DE GRANADA - Após um bloqueio econômico de quatro anos a CIA coordena esforços que resultam no assassinato do 1º Ministro Maurice Bishop. Seguindo a política de intervenção externa de Ronald Reagan, os Estados Unidos invadiram a ilha caribenha de Granada alegando prestar proteção a 600 estudantes americanos que estavam no país, as tropas eliminaram a influência de Cuba e da União Soviética sobre a política da ilha.

1983 - 1989 - HONDURAS - Tropas americanas enviadas para construir bases em regiões próximas à fronteira, invadem o Honduras

1986 - BOLÍVIA - Exército americano invade o território boliviano na justificativa de auxiliar tropas bolivianas em incursões nas áreas de cocaína.

1989 - ILHAS VIRGENS - Tropas americanas desembarcam e invadem as ilhas durante revolta do povo do país contra o governo pró-americano.

²⁹ A vietnamita Kim Phuc, 9 anos, corre em desespero para escapar do vilarejo de Trang Bang após ataque aéreo com napalm por forças do Vietnã do Sul. Uma imagem que comoveu o mundo e ajudou dar fim à Guerra do Vietnã. Fonte: <http://www.photoshoponline.com.br/materias/menina-queimada-por-napalm-na-guerra-do-vietna-desejei-ter-morrido/>

1989 - PANAMÁ - Batizada de Operação Causa Justa, a intervenção americana no Panamá foi provavelmente a maior batida policial de todos os tempos: 27 mil soldados ocuparam a ilha para prender o presidente panamenho, Manuel Noriega, antigo ditador aliado do governo americano. Os Estados Unidos justificaram a operação como sendo fundamental para proteger o Canal do Panamá, defender 35 mil americanos que viviam no país, promover a democracia e interromper o tráfico de drogas, que teria em Noriega seu líder na América Central. O ex-presidente cumpre prisão perpétua nos Estados Unidos.

1990 - LIBÉRIA - Tropas americanas invadem a Libéria justificando a evacuação de estrangeiros durante guerra civil.

1990 - 1991 - IRAQUE - Após a invasão do Iraque ao Kuwait, em 2 de agosto de 1990, os Estados Unidos com o apoio de seus aliados da Otan, decidem impor um embargo econômico ao país, seguido de uma coalizão anti-Iraque (reunindo além dos países europeus membros da Otan, o Egito e outros países árabes) que ganhou o título de "Operação Tempestade no Deserto". As hostilidades começaram em 16 de janeiro de 1991, um dia depois do fim do prazo dado ao Iraque para retirar tropas do Kuwait. Para expulsar as forças iraquianas do Kuwait, o então presidente George Bush destacou mais de 500 mil soldados americanos para a Guerra do Golfo.

1990 - 1991 - ARÁBIA** SAUDITA - Tropas americanas destacadas para ocupar a Arábia Saudita que era base militar na guerra contra Iraque.

1992 - 1994 - SOMÁLIA - Tropas americanas, num total de 25 mil soldados, invadem a Somália como parte de uma missão da ONU para distribuir mantimentos para a população esfomeada. Em dezembro, forças militares norte-americanas (comando Delta e Rangers) chegam a Somália para intervir numa guerra entre as facções do então presidente Ali Mahdi Muhammad e tropas do general rebelde Farah Aidib. Sofrem uma fragorosa derrota militar nas ruas da capital do país.

1993 - IRAQUE -No início do governo Clinton, é lançado um ataque contra instalações militares iraquianas, em retaliação a um suposto atentado, não concretizado, contra o ex-presidente Bush, em visita ao Kuwait.

1994 - 1999 - HAITI - Enviadas pelo presidente Bill Clinton, tropas americanas ocuparam o Haiti na justificativa de devolver o poder ao presidente eleito Jean-Bertrand Aristide, derrubado por um golpe, mas o que a operação visava era evitar que o conflito interno provocasse uma onda de refugiados haitianos nos Estados Unidos.

1996 - 1997 - ZAIRE (EX REPÚBLICA DO CONGO) - Fuzileiros Navais americanos são enviados para invadir a área dos campos de refugiados Hutus onde a revolução congoleza ?Marines evacuam civis? iniciou.

1997 - LIBÉRIA - Tropas dos Estados Unidos invadem a Libéria justificando a necessidade de evacuar estrangeiros durante guerra civil sob fogo dos rebeldes.

1997 - ALBÂNIA - Tropas americanas invadem a Albânia para evacuem estrangeiros.

2000 - COLÔMBIA - Marines e "assessores especiais" dos EUA iniciam o Plano Colômbia, que inclui o bombardeamento da floresta com um fungo transgênico fusarium axyporum (o "gás verde").

2001 - AFGANISTÃO - Os EUA bombardeiam várias cidades afegãs, em resposta ao ataque terrorista ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001. Invadem depois o Afeganistão onde estão até hoje.

2003 - IRAQUE - Sob a alegação de Saddam Hussein esconder armas de destruição e financiar terroristas, os EUA iniciam intensos ataques ao Iraque. É batizada pelos EUA de "Operação Liberdade do Iraque" e por Saddam de "A Última Batalha", a guerra começa com o apoio apenas da Grã-Bretanha, sem o endosso da ONU e sob protestos de manifestantes e de governos no mundo inteiro. As forças invasoras americanas até hoje estão no território iraquiano, onde a violência aumentou mais do que nunca.

O modo de educar das grandes potências mundiais, e aqui em especial, a dos Estados Unidos da América passava então a difundir na mente e corpos dos conquistados a ideia de que a única maneira de atingir status, sucesso, prosperidade e fortuna seriam educar-se à

sombra destas mesmas potências. A criança do século XIX e XX, como bem lembra Ulpiano³⁰ (1989) foi educada e estimulada a desenvolver ao limite suas potências econômicas, a trabalhar e produzir. Neste raciocínio, os que não foram educados por esta globalização pedagógica destas poderosas nações, não estão aptos a produzir. São marginalizados. Nações pobres são destruídas moralmente todos os dias pela racialização e sangramento de culturas e costumes.

E é realmente importante notar que quando nós pensamos nessas diferentes culturas, há uma espécie de ideia de que esses outros povos embora singulares e coloridos, talvez de alguma maneira, estão destinados a desaparecer, enquanto o “mundo real” (que seria o nosso mundo) segue em frente. Nada poderia estar mais longe da verdade. Essas culturas não são fracas e frágeis, pelo contrário, elas são povos vivos e dinâmicos, sendo levados a inexistência por forças identificáveis. Por que isso é tão importante? É importante porque a cultura não é trivial. A cultura não é decorativa, não é penas e sinos, não é dança, nem mesmo rituais. Cultura é o cobertor de valores morais e éticos com que o indivíduo é coberto. E se você quer saber o que acontece quando uma cultura é perdida e ainda o indivíduo sobrevive, quando uma sombra de seu ser anterior, incapaz de voltar para o conforto da tradição e de suas raízes, se lança à deriva em um mundo alienígena, onde, geralmente o destino é o mais baixo degrau da escala econômica que não dá em lugar algum... (MARLENS et al, 2011).

E no afã de pedagogizar condutas e docilizar corpos, as culturas consideradas desiguais ou dissidentes daquelas propagadas pelas grandes potências, foram e vão sendo aniquiladas aos poucos, e um exército de povos produzidos e montados à cobiça dos poderosos vão se formando, perdendo sua natalidade, sua identidade, sua essência. E assim, peões deste mundo, vão sendo emoldurados e instruídos a seguirem a manada sem titubear, sem questionar. Existências são subjetivadas a todo tempo, e vidas vão sendo produzidas e moldadas a todo instante por aqueles a que este modelo de existência tende a beneficiar.

Vidas e corpos produzidos em caixas...

Pequenas caixas, na encosta,
Pequenas caixas feitas de material padrão,
Pequenas caixas na encosta,
Pequenas caixas, todas iguais,
Tem uma rosa, e uma verde,
E uma azul, e uma amarela,
E elas são todas feitas de material padrão,
E elas todas parecem exatamente iguais,
E as pessoas nas casas,
Foram todas para a universidade,
Onde foram colocadas em caixas,
E saíram todas iguais,

³⁰ Diz Ulpiano: “Vou fazer uma narrativa do Michel Foucault. O Foucault diz que era um homem triste, *muito* triste, porque ele vivia em um campo social em que as *forças* de dominação se dão diretamente no corpo da criança. Isso o entristecia. A prática de estimular aquela criança para produzir o homem que interessa para a família. Isso produzia nele uma *imensa* tristeza. Uma *imensa* tristeza. E essa prática geraria homens sem nenhuma potência política. Nós teríamos as nossas potências econômicas *altamente* estimuladas, mas as potências políticas estariam inteiramente fechadas (...)” (1989).

E há médicos e advogados,
E executivos de negócio,
E eles são todos feitos de material padrão,
E eles todos parecem exatamente iguais,
Eles jogam todos no campo de golfe,
E bebem os seus martinis secos,
E todos eles têm crianças bonitas,
E as crianças vão para a escola,
E as crianças vão para o acampamento de verão,
E então, vão para a universidade,
Onde são colocadas em caixas,
E saem todos iguais,
Os meninos entram para os negócios,
E se casam e constituem famílias,
Em caixas feitas de material padrão,
E elas todas parecem exatamente iguais,
Tem uma rosa, uma verde, uma azul e uma amarela,
E elas todas são feitas de material padrão,
E elas todas parecem exatamente iguais.
(Little Boxes – Malvina Reynolds³¹)

Referências:

ABDENUR, Roberto. **EUA: nação indispensável?** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/24649-eua-nacao-indispensavel.shtml>. Acesso em 27 mar. 2014.

AMERICAN GALERY. **Greatest America Painters.** 2013. Disponível em: <http://americangallery.wordpress.com/2013/06/30/edward-percy-moran-1862-1935-2/>. Acesso em: 22 out. 2014.

19

AMERICAN TREASURES OF THE LIBRARY OF CONGRESS. **Polk's Inauguration.** Disponível em: <http://www.loc.gov/exhibits/treasures/trr077.html>. Acesso em: 05 jan. 2015.

ÁVILA, Arthur Lima de. **E da fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932).** Porto Alegre, 2006. 175p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2006.

COSTA, Priscila Borba da. **O Destino Manifesto do povo estadunidense e o Espírito Colonizador Ibérico: a expansão e conquista em nome de Deus e a desmistificação do Paraíso na Terra.** Revista Espaço Acadêmico nº 138, novembro de 2012.

FERES JÚNIOR, João. **Spanish América como o outro da América.** Lua Nova – Revista de Cultura e Política, 2004, nº 62, p. 69-93.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Guerra de Secessão moldou os EUA; conheça a história.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1169977-guerra-de-secessao-moldou-os-eua-conheca-a-historia.shtml>. Acesso em 28 mar. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

³¹ Música final do documentário ‘Escolarizando o mundo; o ultimo fardo do homem branco’ (MARLENS et al, 2011).

GARZON, Luis F. **O Destino Manifesto e a tragédia anunciada**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.lainsignia.org/2002/septiembre/int-007.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

HOME OF HEROES. **The Wisdom of Benjamin Franklin: Sage of the Constitutional Convention**. Disponível em: http://www.homeofheroes.com/hallofheroes/3rd_floor/god/2_convention.html. Acesso em 05 jan. 2015.

HORTAL, Jesus S. J. **E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

JONES, Alberto da Silva. **Invasões americanas no mundo**. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2007/09/392656.shtml?comment=on>. Acesso em: 14 jan. 2015.

JORNAL O REBATE. **A Doutrina do Destino Manifesto**. Disponível em: <http://www.jornalrebate.com.br/site/internacional/6827-a-doutrina-do-destino-manifesto>. Acesso em 28 mar. 2014.

JUNQUEIRA, Mary A.. **Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções**. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, n.42, pp. 323-342.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: da colônia a independência**. São Paulo: Contexto, 1992.

MARLENS, Neal; HURST, Jim; GROSSAN, Mark; BLACK, Carol. **Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco**. (título original: schooling the word). [documentário]. Produção de Neal Marlens, Jim Hurst e Mark Grossan; Direção de Carol Black. França, 2011, 64 min. Color. Son.

OLÍMPIO, Marise Magalhães; MAIA, Jorge Henrique. **Estados Unidos e o Destino Manifesto**. Disponível em <http://meuartigo.brasilecola.com/historia-geral/estadosunidosdestino-manifesto.htm>. Acesso em 26 nov. 2011.

PERES, Rafael. **O extermínio dos povos nativos americanos**. (2011) Disponível em: <http://guerracivilblablaba.blogspot.com.br/2011/10/o-extermínio-dos-povos-nativos.html>. Acesso em: 10 jan. 2014.

POPOVA, Maria. **The Benjamin Franklin Effect: The Surprising Psychology of How to Handle Haters**. Disponível em: <http://www.brainpickings.org/2014/02/20/the-benjamin-franklin-effect-mcraney/>. Acesso em: 05 jan. 2014.

RAMOS, André L. A., MIRANDA, Augusto R. A. **Religião Civil, Destino Manifesto e Política Expansionista Estadunidense**. *Ameríndia*, vol. 4, número 2/2007.

REVISTA VEJA. **Guerra ao Terror**. São Paulo, 02 de maio de 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/o-pronunciamento-de-obama-podemos-dizer-as-familias-que-perderam-seus-entes-queridos-a-justica-foi-feita>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Contemporânea das Letras, 1995.

SANTIAGO, Emerson. **Destino Manifesto**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/filosofia/destino-manifesto/>. Acesso em 28 mar. 2014.

SILVA, Maurineide Alves da. **A construção da ideologia do destino manifesto no contexto da produção cinematográfica Black Hawk Down**. *Veredas da História*, [online]. Ano V, Edição 1, 2012, pp. 116-140.

_____. **O “Eixo do mal” X o “Grande Satã”: a construção da doutrina maniqueísta no contexto das relações Estados Unidos e Oriente Médio.** XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, Maio de 2009. Goiânia, UFG. Disponível em: http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_SILVA_EUA_orientemedio.pdf . Acesso em: 22 out. 2014.

SOUSA, Rainer. **Destino Manifesto.** Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historia-da-america/destino-manifesto.htm>. Acesso em 28 mar. 2014.

THE LIBRARY OF CONGRESS. **A Guide to the Mexican War.** Disponível em: <http://www.loc.gov/rr/program/bib/mexicanwar/>. Acesso em 05 jan. 2015.

ULPIANO, Cláudio. **Acontecimento e campo de poder.** Aula de 05 mar. 1989. Disponível em: <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=76>. Acesso em: 14 jan. 2015.

WIKIPEDIA **Expansão ultramarina dos Estados Unidos.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Expans%C3%A3o_ultramarina_dos_Estados_Unidos. Acesso em: 10 de jan. de 2015 (a).

_____. **Nuvem Vermelha.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nuvem_Vermelha. Acesso em: 10 jan. 2015 (b).

_____. **Os ataques de 11 de setembro de 2001.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_11_de_setembro_de_2001. Acesso em: 10 de jan. 2015.

ZACARIAS, Paloma de Santana França. **Expansão para o oeste: agora sob a visão dos povos indígenas.** (2012). Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/expansao-para-o-oeste-agora-sob-a-visao-dos-povos-indigenas/96361/>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. **Em busca de lãs penas perdidas.** Buenos Aires: Ediar, 1998.